Perquirindo o Mistério Máximo

Pe. Azarias Sobreira

"O Deus dos cristãos é um Deus trino"
PASCAL

Até as profundezas de meu ser, estou persuadido de a nenhuma inteligência humana ter sido dado compreender a SS. Trindade, ou seja, um Deus único em três pessoas absolutamente inconfundíveis.

Estribado, todavia, em preciosos roteiros da Escritura e da Teologia Católica, discorrerei, neste trabalho, sôbre tão fascinante problema, rejeitando qualquer proposição minha que por ventura viesse contradizer o inspirado pensamento da Igreja a semelhante respeito.

No seu magnificente hino composto para ser cantado na solenidade de *Corpus Christi,* teve o Doutor Angélico esta expressão: *Quantum potes, tantum audi.* (Ousa tanto quanto estiver a teu alcance). Pois é exatamente êsse apêlo endereçado aos cristãos de todos os séculos, no sentido de tributarem a maior soma de homenagens à Eucaristia, que tomo para mim, na esperança de elucidar um pouco dêsse arcano que é o mistério de um Deus uno e trino, ao mesmo tempo.

Cada vez que enunciamos essa incógnita de nosso mundo dogmático, prontamente nos acodem ao espírito três idéias aparentemente inconciliáveis: a) há um só Deus; b) nesse Deus residem três pessoas; c) nessas pessoas divinas nenhuma há

mais velha, mais poderosa, mais sábia do que as outras: é perfeita, entre elas, a igualdade.

Isto, não obstante, é dogma de fé que êsse Trio Divino, se bem que eterno e incriado, não teve a mesma origem. Em tal conformidade, o Filho foi gerado pelo Pai, da mesma forma que, sob certo aspecto, em nossa mente se geram os pensamentos, os inventos científicos, as iniciativas civilizadoras, analógicas chispas de luz desprendidas de nosso ser íntimo. Por sua vez, o Espírito Santo não foi gerado à maneira do Filho, mas saiu, por igual, das duas primeiras pessoas, como do encontro de dois sêres racionais que recìprocamente se contemplam procede o amor, a maior e mais prodigiosa dinâmica do cosmo.

De semelhante premissa, entretanto, não é lícito deduzir que o Pai seja objetivamente mais sábio, mais poderoso, mais antigo do que o Filho e o Espírito Santo, consoante atrás salientei. É que a sucessão verificada na derivação do Filho e do Espírito Santo não sofreu a influência do tempo, cousa inevitável na filiação e na procedência dos sêres criados. Existindo Deus, que é a Causa Primeira, desde tôda a eternidade, portanto muito antes que houvesse o primeiro ente criado, nessa longínqua e inacessível eternidade já vivia a Trindade Santíssima, tal qual no-la revelou o Verbo de Deus feito homem, tal qual a surpreendemos nas páginas do Novo Testamento. Aliás, em tudo isto é insondável o arcano que defrontamos.

***

Como pode acontecer que o Filho, gerado pelo Pai (*Filius meus est tu: ego hódie gênui te*), e o Espírito Santo, dimanado do Pai e do Filho (*qui ex Patre Filióque procedit*), tenham com o Pai Eterno a mesma idade, o mesmo saber, a mesma onipotência? A inteligências finitas, não admira que seja impossível conceber, dêsse problema transcendente, uma noção objetiva e exata. Se, a respeito de indagações puramente científicas, assuntos relacionados apenas com as leis naturais, como a telegrafia e a navegação aérea, durante séculos grandes gênios só viam antinomias, como pode um simples mortal compreender o Onipotente?

Debalde nos esforçaríamos por explicar a eternidade de Deus e, em elevação mais desnorteante, o supremo mistério da Trindade. O que fica a nosso alcance é mostrar, por meio de comparações, que nada possuem êsses dogmas de absurdo e contraditório. Contraditório haveria de ser êsse dogma se por êle nos ensinasse a Igreja, como querem certos livres pensadores, que três são um e um são três. Nada disto.

Adotemos, por ponto de argumentação, o conceito que deparamos nas entrelinhas do Evangelho de S. João e que o filósofo cearense Farias Brito perfilhou com inegável êxito: *Deus é a luz.*

Se Deus é luz, conseguimos imaginar o Pai existindo nas profundezas inacessíveis da eternidade, à semelhança de imenso farol sôbre o caos primitivo. Dessa primeira pessoa divina, único foco de luz em meio à treva universal, podemos entrever a Deus Filho saindo, por efeito da verdadeira geração, da mesma forma que da luz de uma vela sai a luz para outra vela de iguais dimensões, sem que êsse desdobramento do primitivo foco de luz prive o primeiro de qualquer parcela de sua integridade. Por conseguinte, sem que a luminária gerada se apresente menos vigorosa do que a sua possante geratriz. Sem que a luz da segunda vela seja mais nova do que a luz da primeira. Ou ainda: teria o Filho saído da Primeira Pessoa Divina como o orvalho sai da umidade dispersa pela superfície da terra, de acôrdo com a sugestiva imagem encontradiça no Salmo 109: "Desde o dia do teu surgimento, contigo está o principado no esplendor da perfeição: gerei-te como ao orvalho, antes que o dia amanhecesse".

Cumpre notar que êsse é o salmo que assim começa:

"Disse o Senhor a meu Senhor: Senta-te à minha direita".

De igual modo podemos imaginar o Espírito Santo derivando, procedendo do Pai e do Filho, ainda em pleno domínio da eternidade, isto é, antes que a primeira criatura fôsse feita e o tempo começasse realmente.

Prosseguindo, pois, na comparação por nós escolhida, idealizemos as duas aludidas velas acesas, não mais separadas uma da outra, porém reunidas num mesmo feixe, de modo a fundirem-se, numa chama única, as chamas das duas velas. Tomemos

agora o pavio de uma terceira vela de igual tamanho e aproximemo-lo da chama formada pela junção das duas velas que vimos focalizando. Logo entrará em cena um terceiro foco luminoso, em tudo semelhante aos dois primeiros e verdadeiramente derivado das duas luzes anteriores.

Desta vez, a similitude atinge um grau imprevisto de compreensividade, se levarmos na devida conta dois aspectos da comparação em aprêço. Dum lado, os três luzeiros ficam iguais entre si, com vida autônoma e individualidade própria. Doutro lado, sendo três os já mencionados luzeiros, a luz que os anima é uma mesma e única luz, embora trinitàriamente distribuída.

***

Chegados a esta etapa de minha dissertação, procuremos solucionar uma dificuldade que a muitos espíritos de escol tem ocasionado ruins quartos de hora. Ei-la: Já que Deus é uno e trino, ao fazer o homem, fê-lo, como é de fé, com a participação das três pessoas divinas. Aliás, a Bíblia é bem clara nesta particularidade, de acôrdo com o que se lê no Gênesis (cap. 1, vers. 26): "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança". E logo adiante mais isto: "Eis que o homem se tornou quase um de nós (*unus ex nobis*) pelo conhecimento do bem e do mal". (Gênesis, cap. 2, vers. 22).

Patenteia-se aí a pluralidade divina no ato da criação de nossos primeiros pais.

Diante do exposto, como pôde suceder que a queda original, sob determinado aspecto, só tenha afrontado, efetivamente, o Pai? A razão disto, a meu ver, é que até o advento do Cristianismo era pràticamente ignorado da humanidade a existência da Trindade Santíssima. Bem pouco dizia a tal respeito o Antigo Testamento. Adão e Eva, por conseguinte, não havendo tomado conhecimento senão com a Primeira Pessoa Divina, a única que lhes falou no Paraíso Terreal, nem de leve perceberam, no momento de desobedecerem, que seu delito iria agravar e ferir a outrem; mesmo porque, querendo premunir o homem contra o perigo do politeísmo, de caso pensado e através de milênios, cada

vez que se dirigiu ao homem por seus patriarcas e profetas, Jeová nada adiantou de positivo acêrca do mistério da Trindade.

E a contra-prova de que nossos primeiros pais não supunham estender a outras pessoas divinas sua desobediência, está no fato seguinte: para desafrontar o Pai ofendido e injuriado, prontificou-se o Filho a vir realizar, por pura piedade, a humilhante obra de nossa redenção. E o Espírito Santo a êle se associou, não tanto no sacrifício do Calvário, mas sobretudo na miraculosa difusão da mensagem evangélica.

É ponto incontroverso de Direito eclesiástico, que se o delinquente não previa que seu crime direta ou indiretamente havia de atingir outras pessoas, não merece condenação pelos males que assim ocasionou.

Só desta maneira se explica haja o Filho podido pagar pelo homem decaído, como se não o houvesse afrontado, pessoalmente, a culpa de Adão.

***

Foi o Salvador quem nos deu notícia segura de um Deus uno e trino.

Que Deus é uno, sabiam-no de sobra os israelitas, sentinelas e guardiães clássicos da Revelação, constante do Novo Testamento. Mas que na unidade divina estivesse a Trindade, eis o que os inditosos humanos, ainda mesmo quando erguidos à altura de doutôres da lei, deviam andar longe de descobrir e ter por verdade inconcussa.

Diversos são os tópicos evangélicos em que se torna evidente a essência trinitária de Deus. Por ora, contentemo-nos de aduzir os seguintes. Por ocasião do batismo de Jesus, às margens do Jordão, o Pai declara das nuvens: "Êste é o meu Filho muito amado no qual tenho pôsto tôdas as minhas alegrias. Escutai-o". E imediatamente, sôbre a cabeça do mesmo, desce o Espírito Santo na forma de uma pomba, como fôra anunciado ao Precursor.

Depois de ressuscitado, o Salvador despacha pelo mundo seus apóstolos, dizendo-lhes: "Ide, ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo".

Nestes episódios salta aos olhos não só a perfeita distinção, mas também a igualdade das pessoas divinas, relativamente à evangelização do mundo e à dignificação do Verbo no papel de Messias.

Em que consistirá então, para uso externo, essa unidade divina que se possa harmonizar com seu carácter trinitário? Parece podermos afirmar que se reduz, especialmente, a esta particularidade: entre as divinas pessoas não há desacôrdo, como entre os homens.

Sendo as nossas desinteligências motivadas por um secreto desejo de ser feliz, desejo êste que exige, freqüentes vêzes, a derrota de nossos competidores, logo se percebe que em Deus não há lugar para semelhante desacôrdo. É que as pessoas divinas possuem não só a plenitude de todos os bens, mas enxergam também tôdas as possibilidades do universo. Assim sendo, não podem nutrir ilusões; não as assalta a menor ansiedade e, por isso mesmo, qualquer sentimento de emulação.

Conforme fizemos sentir, é da sêde de ser feliz que procede a desavença entre os homens. Cada qual vive sonhando com seu el-dorado e, uma vez que o não encontra dentro de si, lança-se para fora, atrás do cobiçado objetivo. A nós, pobres mortais, acontece isto porque ignoramos quase tudo o que nos rodeia, e fàcilmente podemos ser vítimas da ilusão.

Na Trindade Divina, nada disto acontece. A natureza, o universo, mesmo, é obra de suas mãos todo-poderosas, razão pela qual, em sua mente lúcida, que tudo idealizou e previu, não se podem aninhar noções falsas e desnorteadoras.

A tudo isto acresce que por nada mais pode suspirar e de nada mais carece quem possui todos os bens em plenitude. Não pode, pois, cobiçar qualquer cousa o Ser Supremo, a quem pertence todo o saber e todo o fazer, a imutabilidade e a eternidade, o gôzo perene e o perene domínio universal.

***

A fim de aliviar o espírito da fadiga inseparável de tão áridas dissertações, permita-se-me oferecer ao leitor um poucochi-

nho de música numa página de PROMETEU LIBERTADO, do autor de CAMINHO DO CÉU. São alexandrinos relacionados com uma hora excepcional do gênio poético num subrimado CONFÍTEOR. Ei-los:

Sôbre o grande problema insondável da vida,
Diz-me mais, numa encosta, uma rosa florida,
Uma abelha a zumbir sôbre o mel dum nectário,
Uma ave num ramo, uma cruz dum calvário,
Um cardo, um cardo só na aridez das charnecas,
Que as vossas preleções, as vossas bibliotecas,
Ó sábios que negais a luz da Providência.

O angélico olhar ingênuo da inocência
Põe mais perto de mim o infinito estrelado
Que o monstruoso olhar dum óculo assestado
Para o azul aonde a fé vos não transporta.
Vós vêdes nêle a tampa azul duma retorta
E eu vejo a sacrossanta abóbada dum templo.
Vós, sábios, indagais, ao passo que eu contemplo.

RECEPÇÃO DE PEDRO CALMON

Sentados: da esquerda para a direita — Barreto Campelo, Temístocles Brandão Cavalcanti, Tomás Pompeu Sobrinho, Pedro Calmon e Fernandes Távora. De pé: da esquerda para a direita — Abelardo F. Montenegro, José Valdo Ribeiro Ramos, Raimundo Girão, Clodoaldo Pinto, Andrade Furtado, Dolor Barreira, Magdaleno Girão Barroso e Senhora, Leite Maranhão, Henriqueta Galeno, Pe. Misael Gomes, Alba Valdez, Sidney Neto e Manuel Albano Amora

